

BRASIL 360°:
DA TENTATIVA DE UM ESTADO SOCIAL
AO DESMANTELO NEOLIBERAL

Gabriel de Souza Oliveira e Silva & Lucas Alves Silva***

Resumo: A ambição deste ensaio então, consiste em, utilizando a recente história nacional desses quase 21 anos, e poucos presidentes, de origens e perfis tão diametrais, entender como estes processos alteraram - ou não - o curso da história, do Estado brasileiro neste milênio. Para além disso, em continuidade, depreender, nas políticas de governo adotadas em cada um dos períodos investigados, se estas, foram eivadas de alta ou baixa profundidade bem como, verificando na perenidade ou intermitência, os efeitos destas políticas públicas para a nação. Ainda, vale ressaltar nesta análise, a título de gerar uma compreensão holística do objeto de estudo, o baixo perfil de complexidade das proposições de soluções para antigos e conhecidos problemas nacionais, como taxa de crescimento, inflação e câmbio, adotadas nestes períodos. Imperioso, ainda, aduzirmos que, tendo em vista todo esse propósito, este estudo galardoa o Estado, premiando as Ciências do Estado, ao passo que traz no seu objeto de pesquisa, o Estado, a *realização da Razão na História*. Aqui pretende-se, numa tentativa audaz, mostrar que vivenciamos processos evolutivos, involutivos que ainda não foram findados. Demonstrar ainda que, os vértices analíticos da geometria que nos conferem um giro em 360° revelam hoje, um Brasil esfacelado, inconstante e, em vias desconstrutivas, bem como, o país pré-plano real ainda da década de 90.

Palavras-chave: Desideologização; Estado Social; Neoliberalismo; Pensamento Único; Poder.

BRAZIL 360°:
FROM THE ATTEMPT OF A SOCIAL STATE
TO THE NEOLIBERAL DISMANTLING

Abstract: The ambition of this essay then consists in, using the recent national history of these almost 21 years, and few presidents, of such diamethist origins and profiles, to understand how these processes changed - or not - the course of history, of the Brazilian State in this millennium. Furthermore, in continuity, in the government policies adopted in each of the periods investigated, whether these were eased from high or low depth as well

* Mestrando em Direito sob orientação do Prof. Dr. José Luiz Borges Horta e Bacharel em Ciências do Estado pela UFMG, mestrando em Planejamento, Desenvolvimento e Território pela UFSJ com bolsa Capes, sob orientação do Prof. Dr. Claudio Gontijo. É especialista em Direito Público, membro da Sociedade Hegel Brasileira (SHB) e membro da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED). Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1768723348597820>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6360-4536>. Contato: gabriel.de.souza.o.e.silva@hotmail.com.

** Graduado em Ciências do Estado pela Universidade Federal de Minas Gerais, bacharelado em Ciências Contábeis também pela Universidade Federal de Minas Gerais, especialista em Direito Público e especialista em Direito Eleitoral, Mestrando em Planejamento, Desenvolvimento e Território pela Universidade Federal de São João Del-Rei. Desenvolve Pesquisas sobre Cidades Criativas, Economia Criativa e Desenvolvimento, Planejamento e Território, chancelado com bolsa de pesquisador CAPES. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3906162426891948>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9154-7893>. Contato: lucas.alves.cmbh@gmail.com.

as, verifying in the continuity or intermittence, the effects of these public policies for the nation. Furthermore, it is worth mentioning in this analysis, in order to generate a holistic understanding of the object of study, the low complexity profile of the propositions of solutions to old and known national problems, such as growth rate, inflation and exchange rate, adopted in these periods. It is also imperative that, in view of this purpose, this study awards the State, awarding the State Sciences, while it brings in its research object, the State, the realization of Reason in History. Here it is intended, in a bold attempt, to show that we experience evolutionary, involutivity processes that have not yet been finished. Further to demonstrate that the analytical vertices of geometry that give us a 360° turn reveal today, a broken, fickle and, in deconstructive ways, as well as the real pre-plane country still in the 90s.

Keywords: Desideologization; Social State; Neoliberalism; Single Thought; Power.

BRASIL 360°:
DEL INTENTO DE UN ESTADO SOCIAL
AL DESMANTELAMIENTO NEOLIBERAL

Resumen: La ambición de este ensayo consiste entonces en, utilizando la historia nacional reciente de estos casi 21 años, y pocos presidentes, de tales orígenes y perfiles diametistas, comprender cómo estos procesos cambiaron -o no- el curso de la historia, del Estado brasileño en este milenio. Además, en continuidad, en las políticas de gobierno adoptadas en cada uno de los períodos investigados, si estas fueron aliviadas desde alta o baja profundidad, así como, verificando en la continuidad o intermitencia, los efectos de estas políticas públicas para la nación. Además, vale la pena mencionar en este análisis, con el fin de generar una comprensión holística del objeto de estudio, el perfil de baja complejidad de las propuestas de soluciones a problemas nacionales antiguos y conocidos, como la tasa de crecimiento, la inflación y el tipo de cambio, adoptadas en estos períodos. También es imperativo que, en vista de este propósito, este estudio otorgue al Estado, premiando las Ciencias del Estado, mientras que trae en su objeto de investigación, el Estado, la realización de la Razón en la Historia. Aquí se pretende, en un intento audaz, mostrar que experimentamos procesos evolutivos e involutivos que aún no se han terminado. Además, los vértices analíticos de la geometría que nos dan un giro de 360° revelan hoy, un país roto, voluble y, de manera deconstructiva, así como el verdadero país ante plano de los años 90.

Palabras clave: Desideologización; Estado Social; Neoliberalismo; Pensamiento Único; Poder.

1 Introdução

No arco mais recente da conjuntura política brasileira, mudanças consideráveis - ou não - têm ocorrido. O milênio começou eufórico, processos transitórios, ascendentes, lineares e decrescentes marcam esses primeiros 22 anos. O que nos leva à necessidade de interpretá-los, visto que são fatos que mais confundem a cabeça do cidadão quando busca, avidamente, por entendimento.

O corte temporal, as duas décadas iniciais do segundo milênio, ajudam a contrastar fatos e realidades tomando como base a *História*, complementados por outros referenciais. Trata-se de uma análise que, com base na historicidade viva, hegeliana e *dialética* tenta - como a sempre rememorada coruja de minerva faz - alçar voo para frente sem perder a capacidade de olhar para trás, mas sempre voando em frente.

Por certo, é fato, e se faz imperiosa a necessidade de interpretar estas nuances, ao passo que a não linearidade histórica deste corte temporal carece de uma análise conjuntural e estrutural para que seja possível abstrair uma compreensão sobre os processos que colocam o Brasil neste cenário, em pontos que vão desde uma prossecução evolutiva a uma disruptiva esfaceladora. Ou, com o intuito por Horta no seu *História do Estado De Direito*, possui natureza pendular, “ora mais fixada na experiência da liberdade, ora mais imersa na vivência do poder¹”. Busca-se aqui então, interpretar o poder pelo poder, que inebriado de si mesmo não tem trazido o esperado desenvolvimento da Liberdade.

A *Axiologia do Estado*, ponto de cumeada, portanto, de toda a Teoria do Estado, mesmo ela não exclui as dimensões experienciais da vida concreta de um povo e de seu Estado, ou de vários povos e de seus vários Estados. Como demonstrado por Gonçal Mayos, já em Hegel não vemos lógica e empiria como mundos em total desalinho — ao contrário, a realidade é expressão da *Razão* tanto quanto a *Razão* é expressão da realidade, para nos socorrermos de Hegel.

Consoante a isso, temos na riqueza e na profusão de sentidos da língua portuguesa, as figuras de linguagem, que aqui são visitadas por esta comunicação a fim de que, possamos estabelecer uma compreensão imagética, lúdica e prazenteira do período.

Por uma tese simples, porém substancialmente composta de significações, infere-se na ideia de uma montanha russa, desde seus movimentos ascendentes, aos loopings, passando pelos momentos de descenso e retorno ao ponto de origem; uma possibilidade de retratar o escolhido objeto de pesquisa. Por certo, ao realizar esta digressão, convidamos aos diletos interlocutores, parte egrégia desta tripulação, para um embarque numa aventura e

¹ HORTA, José Luiz Borges. *O pêndulo da História do Estado*. In: HORTA, José Luiz Borges. *História do Estado de Direito*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 3.

imersão nada corriqueira, fazendo um tour de 360° na conjuntura política brasileira dos iniciais 22 anos deste milênio.

Para situarmo-nos melhor, propõem-se refletir, busca-se perpassar por alguns momentos históricos importantes da política brasileira, na conjuntura temporal estabelecida, a fim de ajudar no entendimento da realidade brasileira. Apesar de não pretender esgotar o tema, o que talvez não seja possível em poucas dúzias de páginas, almeja-se prestar valorosa contribuição ao identificado e grave problema.

Ainda, é mister não se descuidar das noções básicas que permeiem esta digressão. Por mais que para conceptualizações técnica e de rico especificismo, no âmbito da Filosofia do Estado, não tenhamos segurança e lastro suficiente para que se postule verdades incontestáveis nos apoiemos em ombros de gigantes, que esta bagagem possui. Em Horta está bastante claro que: “tanto parlamentarismo quanto federalismo representam desenhos constitucionais decorrentes de uma filosofia do estado fortemente comprometida com a democracia e com a Liberdade”² Portanto, parte-se da realidade federalista desta nação e talvez elencando os prejuízos que esta também carrega por alijar-se do parlamentarismo, - já que o texto se estrutura basicamente em crítica aos 4 últimos presidentes do Brasil³. Sigamos.

A despeito da base metodológica dessa composição científica e argumentativa têm-se por primazia o uso inequívoco da metodologia analítica de vertente exploratória-indutiva, bem como referendada e amplamente utilizada por renomados autores como Milton Santos,

² HORTA, José Luiz Borges. Federalismo e Democracia. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 5, 2021.

³ Cf. HORTA, *Federalismo e Democracia*, cit., p. 5: “Nosso povo, e muitas vezes nós mesmos, nos identificamos com líderes políticos voluntariosos, bravios e messiânicos — em um amálgama de personalidade que evoca Dom Sebastião, mas se materializa em Floriano, Bernardes, Getúlio, Juscelino, Lula, Bolsonaro. Grandes líderes vocacionados para estátuas que a tradição chamou de eqüestres — as estátuas”. Ainda em Horta em sua nota de rodapé 13. “O mito arquetípico de Portugal é o do Rey Dom Sebastião I (1554-1578), desaparecido em batalha no Norte do Marrocos e aguardado a voltar em meio a um nevoeiro. A volta profética do herói redivivo determina um messianismo interno à Lusitanidade que alcança a cultura política brasileira em cheio. Muito do devocionário brasileiro é messiânico — com a veneração a personagens controversas até no meio religioso, como Zumbi dos Palmares, Padre Cícero, Virgulino Ferreira (o Lampião), Antônio Conselheiro ou mesmo o grande Francisco Cândido Xavier —, mas no meio político o sebastianismo é intermitente e está presente em figuras tão diferentes (?) como o Marechal de Ferro Floriano Vieira Peixoto (1839-1895), Arthur da Silva Bernardes (1875-1955), presidente em estado de sítio, Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), ditador e pai dos pobres, Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), quem censurava abertamente as emissoras de televisão, Luís Inácio Lula da Silva (1945-), que compara seu partido ao sangue de Cristo e a si mesmo a Vargas, e Jair Messias Bolsonaro (1955-), tenente tardio com inúmeras egodistonias e desvios de inteligência, digamos, emocional, que levaram o Governo do Gal. Ernesto Geisel a expulsá-lo do Exército Brasileiro. Nenhum dos mitos que alcançaram a Presidência da República, no entanto, representam o sebastianismo com tanta riqueza de obtusidades quanto o do capitão Luís Carlos Prestes (1898-1990), vejamos só, o “cavaleiro da esperança”.

Celso Furtado, Ivan Domingues e Rubem Alves. Ainda, convém aduzir o pertinente e recorrente emprego da dialética, não apenas como metodologia, mas como lente, para que se possa enxergar a realidade e, interpretá-la de forma verossímil.

Em feixe introdutório, este artigo perpassa pelos seguintes lastros históricos: i) Tentativa de construção de um Estado social – O governo Lula; ii) Uma batalha inglória – O governo Dilma; iii) Disruptiva estatal – Os governos Temer-Bolsonaro. Consoante, é crucial asseverarmos que não é de ímpeto analítico deste ensaio científico debruçar-se sobre um exame comparativo entre as políticas públicas dos aludidos governos, ainda que isso possa ocorrer de forma superficial e, sim estabelecer marcos constitutivos da história recente da política brasileira. Neste sentido, a despeito desses apontamentos iniciais, justifica-se a o artigo.

2 Desenvolvimento

Na inquietude do eufórico milênio, urge então, uma indagação sistemática, que ecoa na necessidade de uma possível equação, seja ela: quais rumos as *astúcias da razão* pretendem dar às *terras brasílicas*? Alicerçado no estudo histórico-indutivo do cenário político brasileiro, via deterioração da empreitada de um Estado Social e à ascensão de um Estado neoliberal.

Tal indagação, coloca nossas embarcações nos trilhos e nos leva aos rumos que queremos chegar. Não se trata de algo simples, entender o cenário político brasileiro destas últimas décadas demandaria um esforço tal qual os doze trabalhos de Hércules de Sêneca, porém trata-se de possibilidade legítima que deve ser externada à sociedade. Ao passo que, somente por uma visão em 360° graus, a começar do ano de 2002 e a se findar no presente ano, para que seja possível depreender que vivemos uma destruidora crise institucional do sistema vigente.⁴ E sobre essa crise também se tem em:

Nossa republiqueta, embora iniciada com fortes tons federalistas, logo caminhou para uma contradição pendular, marcada por períodos de alternância histórica entre o centralismo caudilhesco e o federalismo reativo que, se por um lado expressava e expressa a radiante beleza das diversidades constitutivas do Brasil, por outro permitiu-se capturar, especialmente nas primeiras décadas da infértil experiência republicana, pelas oligarquias regionais, mormente estaduais, culminando em um federalismo distópico forjado, é de realçar-se, como uma colmeia oligárquica.⁵

⁴ Inclusive, sobre este tema, existe um excelente artigo de Horta que propõe, também, a reconstitucionalização do Brasil. Cf. HORTA, José Luiz Borges. *Urgência e emergência do constitucionalismo estratégico*. Fórum, 2012.

⁵ HORTA, Federalismo e Democracia, *cit.*, p. 8.

Ainda sobre as questões federalistas da formação brasileira e da sua atual composição, Horta segue iluminando o caminho da reflexão como a luz de um farol: “A Constituição brasileira de 1988, na qual tantas esperanças e tantas virtudes depositamos e vimos, trouxe consigo males estruturais e um dos maiores destes é sem dúvida a *miniaturização dos estados-membro*, causada pela *hipertrofia da União* combinada com o *gigantismo fetichista dos municípios*”.⁶

O fato de que as pessoas sentem o peso dos problemas sociais, sofrem com a inequívoca demanda de direitos e a sobressalente oferta de retrocessos na sociedade é límpido, ainda que tenham se dado conta, em sua maioria, do jogo que é feito no cenário político brasileiro, que por sua vez, revelam esse trágico retrato da situação atual. Evidentemente que ocorreram lutas, lutas essas que são diuturnamente descontinuadas. Porém, este Brasil de hoje, já vive um identificado dismantelo neoliberal.⁷

Por certo, no atual cenário brasileiro temos uma polarização capaz de conectar uma elite que até então proclama conservadorismo e liberdade – como se coexistentes fossem essas máximas - porém, com braços em riste para a privatização do Estado, a extinção de ações sociais e a concentração de riqueza nas mãos de uma minoria pujante. Na outra ponta, estão os segmentos sociais, os confusos e profusos partidos autointitulados de esquerda que, bravamente e heroicamente lutam, em defesa do Estado democrático de direito, das ações sociais, além da preservação e proteção do Estado e de seus representados, porém, devida a concentração de muitos caciques em uma mesma aldeia (ou ainda na ausência de cacique algum na aldeia), não conseguem estabelecer uma coalisão efetivamente resistente, dando vazão aos retrocessos assistidos atualmente. Ao contrário disso, segmentos conservadores

⁶ “Evidente que a federação *nonsense* brasileira não reside apenas e tão somente no arcabouço normativo de 1988, mas também, se não principalmente, na experiência viva do dito constitucionalismo democrático que gira no entorno da Constituição e de sua vivência. As forças políticas brasileiras, diante daquela que, ao final dos anos 1980, parecia ser (e era mesmo) a maior transferência de recursos para a esfera local jamais vista, lançaram-se ao desafio de criar formas de consumir estes recursos jamais antes existentes e desenvolveram, como nunca, políticas de governo com impactos e horizontes meramente locais, deixando de lado as dimensões do desenvolvimento nacional, estadual e regional em função de noções fragmentárias de desenvolvimento local, desenvolvimento urbano e desenvolvimento da “cidade”. Com isso, bem ao gosto do neoliberalismo, destruiu-se a capacidade de planejamento para o desenvolvimento, transformando um país com pouco mais de vinte polos estaduais de desenvolvimento em um território com mais de cinco mil iniciativas desencontradas”. HORTA. *Federalismo e Democracia*, cit., p. 9.

⁷ Para uma melhor exposição sobre a tenebrosa situação da política nacional recomendamos um texto: TEIXEIRA, C. S. G. ; ARAÚJO, T. M. . O Construtivismo Institucional e a Democracia Brasileira. *Revista de Ciências do Estado*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 1–20, 2021. DOI: 10.35699/2525-8036.2021.35659. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revce/article/view/e35659>. Acesso em: 10 nov. 2021.

parecem entender perfeitamente como giram as engrenagens do sistema político nacional. Como chamou o professor Gonçal Mayos, “*política del desconcierto*”.⁸

2.1 “Ascensão” – Os governos Lula

O ímpeto então, resplandece numa análise minuciosa das mais expressivas manifestações políticas deste período, para tanto, destaca-se três momentos “distintos” que desdobrarão nos atos deste ensaio. A análise parte do movimento de “*Ascensão*” – identificada no primeiro decênio do século XXI, no período compreendido entre 2002-2010 que, inadvertidamente coincidirá com os dois mandatos do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva.

A visto isso, este período é compreendido como o início do plano vertical de ascendência da montanha russa que nos conduzirá ao giro de 360°. O ano de 2002, marca o ano da primeira eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, o trigésimo quinto presidente da história do Brasil, e o sexto presidente do período pós redemocratização. Sucedendo Fernando Henrique Cardoso, a eleição de Lula era vista sob a ótica de enorme desconfiança (solucionada com a Carta aos brasileiros) e divergentes expectativas, ora um governo advindo de um partido historicamente de esquerda assumiria o Palácio da Alvorada, após dois ciclos da “social-democracia” tucana. Um cenário marcado pela consolidação democrática, em que há a posse legítima a partir do sufrágio de um candidato, em legítima concorrência e a alternância pacífica de governos adversários premeditavam o caos, aliados bradavam que a experiência inauguraria um novo tempo e uma nova forma de fazer política no Brasil, estes por sua vez não estavam equivocados.

A luz de Pedro Demo indaga-se: Existe determinismo histórico? A desigualdade é determinística?⁹. O governo Lula tentou, por meio de suas políticas responder essas inquietudes ao tentar promover a minoração da desigualdade sob a cobertura de que a desigualdade era provida por um processo a ser com batido, e não marca determinística da sociedade brasileira ou de seu processo histórico.

Por meio de uma reformulação das políticas públicas e das relações de riqueza e poder no país, uma crescente onda empurrava o Brasil para tentativa de um Estado Social.

⁸ MAYOS SOLSONA, Gonçal. Autoritarismos populistas frutos do desconcerto neoliberal. In: ANDRADE, Durval Ângelo; MAYOS SOLSONA, Gonçal; HORTA, José Luiz Borges; MIRANDA, Rodrigo Antunes Marrano (Coords.). *A Sociedade do Controle?: Macrofilosofia do Poder no Neoliberalismo*. Belo Horizonte: Fórum, 2022. p. 33-61.

⁹ DEMO, Pedro. *A educação do futuro e o futuro da educação*. Campinas: Autores Associados, 2005.

Seja por meio de políticas de distribuição de riqueza, minoração das desigualdades e promoção de desenvolvimento social. Na nova gramática da política brasileira, suas ações eram vistas sob a chancela assistencialista, no plano fático, o Brasil começava a repensar a lógica representativa, o social era o plano principal de governo; não o único. A promoção de crédito e a paulatina inserção de políticas sociais ganharam o cenário brasileiro desta época.

Em paralelo, o Governo Lula obteve uma a valorosa ajuda de uma conjuntura econômica mundial ‘crescente’¹⁰ – mesmo que, o tempo ainda a relate como artificial em grande medida; a política de financeirização e o virtual crescimento econômico do conjunto de economias do globo, foram as bases para escolhas internas assertivas. O país retomou o crescimento, aumentou sua arrecadação, fez divisas externas e conseguiu promover renda e cidadania, por meio da implantação de um leque de políticas de inclusão social tais como, “Bolsa Família”, “Fome Zero”, “Luz Para Todos” e o Reuni, este que confere razão de existência à revolucionária graduação de Ciências do Estado. Ainda neste sentido, foi por meio de um desenvolvimento, marcado por “baixa inflação”, que foi possível gerar empregos e renda. É fato, os primeiros anos deste governo nos coloca em subida na montanha russa, daqui de cima, a visão era de prosperidade, continuidade e um novo jeito de fazer política no Brasil.

Não obstante, a política econômica no primeiro mandato do Governo Lula foi caracterizada pela continuidade da política implementada pelo Governo FHC. O objetivo desta política era a manutenção da estabilidade e do funcionamento da economia de mercado¹¹.

Pedro Demo, chama atenção para o fato de que: “Práticas assistencialistas da política social apresentam “efeito de poder”. Porém, um leque de processo de reformas estruturais e de medidas de aperfeiçoamento econômico não tiveram sequência. Divergências políticas internas no governo e problemas com a articulação política no Congresso, paralisaram, em certa medida a agenda reformista e não deram vazão a um pleno desenvolvimento nos anos seguintes.

Lula, sai praticamente ileso de qualquer desgaste que o Partido dos Trabalhadores sofria a época, com simpatia e apoio popular, conseguiu diminuir as resistências e ao mesmo

¹⁰ Na conjuntura descrita é importante destacarmos que, a alta das commodities inundara o mercado interno de dólares e com o câmbio forçosamente depreciado, ou seja, com o real valorizado, o governo Lula implementou uma série de políticas públicas que mudariam a história recente do país.

¹¹ BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello; CARNEIRO, Ricardo. *O paradoxo da credibilidade*. Política Econômica em Foco, 1985. BERCOVICI, Gilberto. *Constituição e Estado de Exceção Permanente: atualidade de Weimar*. São Paulo: Azougue, 2004.

tempo mitigou o preconceito histórico ao seu nome e a sua emblemática figura, e assim, consegue eleger sua sucessora.

Desconhecida do grande público, porém patrocinada pelo líder, Dilma Vana Rousseff é eleita Presidente da República Federativa do Brasil.

2.2 “Looping” – Os Governos Dilma

Dando prosseguimento na nossa digressão, o segundo momento concentra-se, no momento do “*looping*”, em outras linhas, momento de acrobacias em plano vertical, que o governo - ou suas tentativas de governar - Dilma Rousseff nos apresentou ao longo dos anos de 2011-2016, desde sua eleição impactante e confusa, à sua destituição que outrora dividiu o mundo jurídico e hoje, aparentemente, já não o faz.

O governo passado das mãos do antecessor foi provido pela consolidação de algumas das principais conquistas democráticas do país, é o momento em que o cidadão brasileiro estava na cobertura de um leque de direitos, recrudescidos da chancela social. Porém, considerando-se que há uma classe trabalhadora que luta para ter emprego, há uma elite incomodada com pensamentos diametralmente opostos; a chamada elite do atraso de Jessé Souza.

Tomando de empréstimo parte da reflexão desenvolvida por Laura Carvalho em seu *Valsa Brasileira: do boom ao caos econômico*, temos que entender que, os anos 2000 principalmente no seu início, possui nuances econômicas muito peculiares que determinaram os desdobramentos políticos do período.¹²

O governo Dilma, entra em looping nos erros já conhecidos do Governo Lula, as sucessivas tentativas de um governo de coalizão enfraquecem-na, o Congresso começa a retirar o patrocínio, forças caladas nos confins da política começam a entoar vozes radicais, o Brasil começa a entrar em uma valsa com o caos. O poço olhando de volta nietzschiano.

Vejamos, Dilma é eleita em 2010 em um cenário diametralmente oposto ao de seu antecessor, é o cenário pós crise de 2008, no contexto a economia se tentava recuperar dos efeitos da crise, e o Brasil vivia momentos de já não tão grande otimismo - não como o

¹² A partir do prisma econômico a professora da USP, Laura Carvalho tenta explicar o contexto, praticamente mesmo desse texto (2002-2022). CARVALHO, Laura. *Valsa brasileira: do boom ao caos econômico*. Editora Todavia SA, 2018. Em sua reflexão a professora discorre a respeito do presidente Lula e cognome Nando de o período do “milagrinho brasileiro”, para a ex-presidente Dilma ela prega a alcunha de período da “Agenda Fiesp” e por fim, em seu terceiro capítulo, sobre o período Temer dá o nome de “panaceia fiscal”. ainda sobre os três períodos os subtítulos respectivos são: “um passo à frente”, “um passo ao lado”, “um passo atrás”. o capítulo quarto consiste em uma agenda propositiva e o quinto e último em um prognóstico negativo intitulado “dançando com o diabo”; em relação a este, sabe-se a professora se refere.

verificado em tempos “lulistas”. Embora, com um projeto de governo confuso, foi muito bem identificado, e declarado como alvo o problema do “rentismo”¹³, com a dívida pública como meio sistemático de acumulação de capital. Isso significa questionar o poder estrutural do capital financeiro na determinação das taxas de juros e câmbio, rompendo o pacto conservador formado pelo governo Lula em 2003. Isso seria uma grande mudança estrutural, como nos ensina o cientista político Pedro Paulo Zahluth Bastos¹⁴.

Ora, se por um lado em Custódio e Demiurgo, temos que a atuação do Estado deve pautar-se na regulação e no controle, por outro em Parteiro e Pastor, o Estado deve ter parcerias entre agentes e empresas em Evans¹⁵. A política econômica do Governo Dilma, seguiu, ao que chamamos de um pouco dos dois mundos, porém de modo radical, indo, portanto, da euforia do primeiro mandato ao desencanto no segundo. Ainda, pode-se afirmar que: Lula entregou o governo para Dilma numa situação que podemos chamar de “confortável”, no que se refere aos principais indicadores macroeconômicos. O forte crescimento registrado em 2010, os bons resultados do mercado de trabalho, especialmente a baixa taxa de desemprego e a estabilidade dos preços são elementos centrais deste cenário.

Ocorre que, uma piora é identificada no cenário econômico brasileiro a partir de 2011, sendo fruto de um amplo conjunto de fatores. Para tanto, é necessário asseverar: ainda que a continuidade do baixo crescimento nos países desenvolvidos, especialmente na Europa, tenha contribuído para esta situação, é necessário não superestimar os fatores externos na explicação do baixo crescimento do período.

A montanha russa em seu vértice, o looping, tem no governo atravessado uma crise institucional sem precedentes, se depara com uma eleição confusa, marcada por extremismos e radicalismos. O ano é 2014, de um lado o tucano Aécio Neves bradava os constantes erros do governo, o isolamento político de Dilma, as ranhuras e rachaduras com o Congresso

¹³ “Capitalismo rentista é um termo usado atualmente para descrever a crença em práticas econômicas de monopolização do acesso a qualquer tipo de propriedade (física, financeira, intelectual, etc.) e obtenção de lucros significativos sem contribuição para a sociedade”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo_rentista. Acessado em 13 de abril de 2022.
Doust, Dariush M. *Rentier capitalism and the Iranian puzzle*. *Radical Philosophy* (159): 45-49. Consultado em 9 de junho de 2021.

¹⁴ BASTOS, P. P. Z. A economia política do novo-desenvolvimentismo e do social desenvolvimentismo. *Economia e Sociedade*, Campinas, SP, v. 21, n. 4, p. 779-810, 2015. BELL, Daniel. *The End of Ideology: on the Exhaustion of Political Ideas in the Fifties*. Glencoe: Free Press, 1960.

¹⁵ EVANS, Peter. Government Action, Social Capital and Development: reviewing the Evidence on Synergy. *World Development*, v. 24, n. 6, p.1119-1132, jun., 1996.

Federal, as derrocadas em projetos.¹⁶ De outro lado, Dilma ainda surfava no carisma de Lula e em sua inquestionável força política, esta que por sua vez foi motriz para neste ano a reeleição de Dilma ocorrer. Porém, é o momento que marca a Democracia em Vertigem.

2.3 “Descenso” – Os Governos Temer-Bolsonaro

Entramos então no terceiro ato, selando o inacabado período de 2016-2022 (ou quem sabe até 2026), o “*descenso*” traz a necessidade de nos debruçarmos sob uma análise mais criteriosa sobre os governos de Michel Temer e Jair Messias Bolsonaro, e estes como pontos de exacerbada exaltação do neoliberalismo. E trazendo os ensinamentos do, querendo ou não, bem-sucedido Steve Bannon¹⁷, na leitura de Da Empoli¹⁸: “*politics is downstream from culture*” – “a Política deriva da cultura”.

Talvez, a nossa jovem e frágil democracia não tenha passado por um momento tão caótico como o atual, a explicação emerge no *fisiologismo*¹⁹, que ao longo destas décadas tem se tornado tão aparente nos meios de comunicação em geral. Uma aproximação com partidos e coligações surreais no campo ideológico, o recrudescimento do ódio nos discursos, a poeira debaixo de tapete ganhando o salão.

Entendamos, da condução de Michel Temer em 2016, pós impeachment de Dilma Rousseff à eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018, do ponto de vista ideológico o país vive entre duas forças conflitantes. ROCHA assim define:

De um lado, partidos de esquerda defendem a socialização, democratização e a valorização do Estado como mecanismo alternativo à sociedade. E, do outro, partidos de direita defendem a concentração do poder, uma democratização dentro dos padrões elitistas e a desestruturação do Estado em razão do interesse privado.

¹⁶ Como assevera Petra Costa, em documentário de mesmo nome, que narra os momentos antecedentes ao golpe de Estado de 2016, que abrevia o segundo mandato de Dilma, promove fendas cruciais na estrutura democrática do país, e do looping vamos ao descenso e ao dismantelo neoliberal.

¹⁷ Dentre as estratégias utilizadas por mentores políticos como Steve Bannon está o que alguns chamam como “*dog whistle politics*”, “política do apito para cão”, quando só alguns percebem o chamado, enquanto outros não ouvem nada. DA EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. Belo Horizonte: Vestígio Editora, 2019. p. 153.

¹⁸ “No Brasil, os comunicadores a serviço do candidato ultranacionalista Jair Bolsonaro driblaram os limites impostos aos conteúdos políticos no Facebook comprando milhares de números de telefone para bombardear quem utiliza o WhatsApp com mensagens e *fake news*”. DA EMPOLI, *Os engenheiros do caos, cit.*, p. 88. Uma correção, Da Empoli erra ao afirmar que Jair Messias é um ultranacionalista, visto que o mesmo já, de forma reiterada, demonstrou seu desamor com esta nação.

¹⁹ “é um tipo de relação de poder político em que ações políticas e decisões são tomadas em troca de favores, favorecimentos e outros benefícios a interesses privados, em detrimento do bem comum. É um fenômeno que ocorre frequentemente em Parlamentos, mas também no Executivo, e está estreitamente associado à corrupção política, uma vez que os partidos políticos fisiologistas apoiam qualquer governo — independentemente da coerência entre as ideologias ou planos programáticos — apenas para conseguir concessões deste em negociações delicadas”. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fisiologismo>. Acessado em 13 de abril de 2022. André Singer. 2014. A Política Como Ela É. *Folha de S.Paulo*. Consultado em 29 de março de 2014.

Quanto à população, os que se sentem mais instruídos, politicamente falando, se dão ao direito do embate ideológico e, a maioria desinformada sobre o real contexto social, não sabem a que caminho seguir e, portanto, essa maioria pode beneficiar a uma tendência, ou condená-la de acordo com o poder de convencimento do seu oponente.²⁰

É fato que, do ponto de vista ideológico, a nação demorou a despertar e os poucos que desafiaram o poder sempre foram intimidados, punidos ou, de forma mais dramática, até exterminados da sociedade. Politicamente falando, o país passou por muitas conquistas e evoluções ao longo do campo democrático, este sempre em disputa, muitas vezes avançando, outras vezes retrocedendo na *História*. Este é o momento do retrocesso, a democracia que antes em vertigem, hoje desdobra-se em apocalipse²¹.

Nesta linha, é em Paulo Freire que encontramos âncora para entender o processo atual. Vejamos:

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Com distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E essa luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores.²²

Seria essa a dramática situação que o país está vivendo? A elite²³ estaria polarizando o contexto social e, por essa razão, do outro lado do polo estaria na resistência social? Mas, por que há tantos oprimidos da sociedade contra determinadas circunstâncias desse embate? Seria a falta da informação da realidade que estamos mostrando aqui?²⁴

No campo social, do recorte desse último ato, especificamente o brasileiro, mas não só o brasileiro, encontram-se as complementações: “... Juntas, a demonização da política e do Estado e a estigmatização das classes populares constituem o alfa e o ômega do conservadorismo da sociedade brasileira cevado midiaticamente...”²⁵

²⁰ ROCHA, A. O cenário político brasileiro e a polarização dos últimos tempos. *Revista Terceiro Incluído*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 159–173, 2020.

²¹ ALMEIDA, P. O. de. Apocalipse sem revelação? Profecia e crítica em Mangabeira Unger. *Revista de Ciências do Estado*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 1–21, 2021.

²² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.ª edição, p. 31-32.

²³ E aqui não se trata do termo positivo de elite, como elite diligente, mas o termo pejorativo como trazido por Jessé Souza, uma elite do atraso. No Brasil especificamente, devida a sua altíssima concentração de renda, a elite não passa de grupos de pessoas altamente endinheirados.

²⁴ ROCHA, O cenário político brasileiro e a polarização dos últimos tempos, *cit.*

²⁵ SOUZA, J. *A Elite do Atraso: da escravidão à Lava-Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017, p. 136.

Novamente, têm-se que estamos habituados aos nossos desejos satisfeitos de forma imediata. A Apple possuía um slogan “*There’s an app for that*” – “Há um aplicativo para isso”. na Apple que em 1984 NS lança o seu primeiro Macintosh com referências mais do que claras e explícitas ao livro 1984 George Orwell, como muito bem lembrado na obra de Byung-Chul Han. E segue: “porque a política deveria ser diferente? como é possível continuar tolerando os rituais demorados e ineficazes de uma máquina governada por dinossauros e impermeáveis a toda e qualquer solicitação?”

É certo que, se por um lado, está nítido que houve um jogo estratégico, orquestrado, articulado e desenvolvido para esse dismantelo provido do neoliberalismo, com forte apoio midiático, tem-se também na construção evolutiva do tempo, a tecnologia, e seus algoritmos mapeando as estratégias mais viáveis à manipulação ideológica.²⁶

É assim que os brasileiros assistiram, nos últimos anos, à ascensão de uma nova geração de YouTubers de extrema-direita, que souberam explorar o algoritmo da plataforma para multiplicar sua visibilidade (e seu faturamento). É o caso de Nando Moura, guitarrista amador que reúne mais de três milhões de inscritos no seu canal do YouTube, alternando canções, instruções para videogames e, sobretudo, uma variedade extraordinária de teorias da conspiração. ou o caso de Carlos Jordy, um fisiculturista coberto de tatuagens que deve sua popularidade, e sua cadeira no Congresso, há uma série de vídeos denunciando um complô dos professores de esquerda para espalhar o comunismo nas escolas.²⁷

3 Conclusão

O que tentamos até aqui foi provocar ao estimado leitor um despertar sobre o momento histórico que o país vive em seu cenário político brasileiro e a sua polarização. Trata-se do contexto ideológico recente onde o país vive um dilema indefinido. Carece de maiores interpretações, talvez de mais vivência, mas nunca será um debate inacabado. Pode se destacar dois fatos que a minuciosa pesquisa de Da Empoli postula: o primeiro é de que o extremismo passa a se tornar o centro do sistema e dos sistemas políticos, já o segundo é que realizar política deixa de ser a matéria da agregação, deixa de ser o esforço de unir, passando a dizer respeito sobre a capacidade de desunir.

Em um terceiro ponto de constatação não menos importante, entretanto, econômico Da Empoli segue afirmando que: “No plano econômico, a desagregação começou há 30

²⁶ “*Os Engenheiros do Caos*” como nos brinda Da Empoli em sua muito recente pesquisa. Nesta obra o autor tece um retrato bastante fidedigno das similaridades entre os movimentos de ascensão do neoliberalismo mais radicalizado, o que a academia costuma denominar, extrema ou ultradireita.

²⁷ DA EMPOLI, *Os engenheiros do caos, cit.*, p. 81.

(trinta) anos, dinâmica combinada inovação tecnológica e da abertura dos começou a dar a desigualdade indivíduos”.²⁸

Cientistas sempre sonharam reduzir o governo da sociedade a uma equação matemática que suprimisse as margens de racionalidade e de incerteza inerentes ao comportamento humano. Há dois séculos, Auguste Comte já definia a física social como “ciência que tem por objeto o estudo de fenômenos sociais considerados do mesmo espírito que fenômenos astronômicos, físicos, químicos e psicológicos - ou seja, como sujeitos as leis naturais invariáveis, cuja descoberta é o ponto de chegada das pesquisas. Desde então, muitos propuseram suas visões da” ciência da política”, sem jamais atingir o objetivo de tornar mais previsível evolução da sociedade.

Mas, nos últimos anos, um fenômeno decisivo se produziu. Pela primeira vez, os comportamentos humanos - que continuavam a ser, até então, fins em si mesmos - começaram a produzir um fluxo maciço de dados.

Graças à internet e às redes sociais, nossos hábitos, nossas preferências, opiniões e mesmo emoções passaram a ser mensuráveis. Hoje, cada um de nós se desloca voluntariamente com sua própria “gaiola de bolso”, um instrumento que nos torna rastreáveis e mobilizáveis a todo momento. No futuro, com a “internet das coisas”, cada gesto irá gerar um fluxo de dados não mais exclusivamente ligado aos atos de comunicação e de consumo, mas também há fatos como escovar os dentes ou adormecer no sofá da sala. Éric Sadin fala, a propósito, de uma “indústria da vida”, o setor mais promissor da nova economia, destinado a canibalizar todos os outros.

Como ensina Da Empoli, precisa-se debruçar mais e de forma melhor sobre os personagens que cercam o tempo presente, e que aparentemente têm sabido tirar melhor proveito desse.

Se escolhi, para esse livro, me concentrar no segundo aspecto, não é de modo algum para negar a importância das fontes reais da revolta. As ações dos engenheiros do caos não explicam tudo, longe disso. O que torna tais personagens interessantes, mais que o fato de terem sabido captar antes dos outros os sinais da mudança em curso, é a forma pela qual se aproveitaram disso para avançar da margem para o centro do sistema. Para o bem e, sobretudo, para o mal, suas intuições, suas contradições e suas idiosincrasias são aquelas que marcam o nosso tempo.²⁹

Imperioso, ainda, aduzirmos que, tendo em vista todo esse propósito, este estudo galardoar o Estado, premiando as *Ciências do Estado*, ao passo que traz no seu objeto de pesquisa, o Estado, enquanto a realização da *Razão na História*. Aqui pretende-se, numa tentativa audaz de mostrar que vivenciamos processos evolutivos, involutivos que ainda não foram findados. Demonstrando por meio dos vértices analíticos da geometria, estes que podem nos conferir um giro em 360° e ainda nos revelar hoje um Brasil esfacelado, inconstante e, em vias desconstrutivas, bem como, o país pré-plano real ainda da década de 90.

²⁸ *Ibidem*, p. 163.

²⁹ *Ibidem*, p. 25.

Fica bastante claro o projeto de país hodiernamente mais em voga e mais reverberado na *História do Brasil*, o qual atualmente desestimula a esperança e que tentamos melhor identificar neste texto. Entretanto, como sói saber, o curso da *História* é irrefreável, como ensinou Hegel. Por mais que se depreendam esforços no sentido de adaptar à realidade ao conforto deste ou daquele grupo, o *Espírito do Tempo* seguirá sua marcha de forma ininterrupta, e a função da *abstração* e/ou da *subjetividade* sempre será o embate com a concretude e a objetividade, para enfim, sua reconciliação no *Real Concreto*, no *Absoluto*.

Referências Bibliográficas

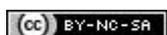
- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência-Introdução ao jogo e às suas regras*. Edições Loyola, 2000.
- BASTOS, P. P. Z. A economia política do novo-desenvolvimentismo e do social desenvolvimentismo. *Economia e Sociedade*, Campinas, SP, v. 21, n. 4, p. 779–810, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8642257>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- BELL, Daniel. *The End of Ideology: on the Exhaustion of Political Ideas in the Fifties*. Glencoe: Free Press, 1960.
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello; CARNEIRO, Ricardo. *O paradoxo da credibilidade*. Política Econômica em Foco, 1985.
- BERCOVICI, Gilberto. *Constituição e Estado de Exceção Permanente*; atualidade de Weimar. São Paulo: Azougue, 2004.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: EdUNESP, 1995.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. Democracia, Estado Social e Reforma Gerencial. *RAE-Revista de Administração de Empresas, [S. l.]*, v. 50, n. 1, p. 112–116, 2010. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/31308>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- CABALEIRO SALDANHA, Daniel. *Organização do Estado Brasileiro; o modelo do federalismo oligárquico*. Belo Horizonte: Letramento/Casa do Direito, 2019.
- CARVALHO, Laura. *Valsa brasileira: do boom ao caos econômico*. Editora Todavia SA, 2018.
- DA EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. Belo Horizonte: Vestígio Editora, 2019.
- DEMO, Pedro. *A educação do futuro e o futuro da educação*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- DOMINGUES, Ivan. *O grau zero do conhecimento: o problema da fundamentação das ciências humanas*. Edições Loyola, 1991.
- EVANS, Peter. Government Action, Social Capital and Development: reviewing the Evidence on Synergy. *World Development*, v. 24, n. 6, p.1119-1132, jun., 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição
- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Editora Vozes Limitada, 2015.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia do Direito*. Trad. Paulo Meneses et al. São Leopoldo/Recife/São Paulo: EdUNISINOS/UNICAP/Loyola, 2010
- HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HORTA, J. L. B. . Federalismo e Democracia. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 1–18, 2021. DOI: 10.35699/2525-8036.2021.37464. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revce/article/view/e37464>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- HORTA, José Luiz Borges. *História do Estado de Direito*. São Paulo: Alameda, 2011a.
- HORTA, José Luiz Borges. La Era de la Justicia; Derecho, Estado y límites a la emancipación humana, a partir del contexto brasileño. *Astrolabio: revista internacional de filosofía*, Barcelona, Universitat de Barcelona, v. 11, p. 75-85, 2011b

- MAYOS, Gonçal. *Macrofilosofía de la globalización y del pensamiento único: un macroanálisis para el “empoderamiento”*. Saarbrücken: Editorial Académica Española, 2012.
- PEREIRA, Luiz Carlos Bresser, GRAU, Nuria Cunill (org). *O Público Não-Estatal na Reforma do Estado*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- ROCHA, A. O cenário político brasileiro e a polarização dos últimos tempos. *Revista Terceiro Incluído*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 159–173, 2020. DOI: 10.5216/teri.v10i1.65498. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teri/article/view/65498>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- SCHMITT, Carl. *O Conceito do Político*. Trad. Alvaro L. M. Vals. Petrópolis: Vozes, 1992.
- SILVA, G. de S. O. e; MOURA, S. de S. O desenvolvimentismo no Brasil. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 1–16, 2021. DOI: 10.35699/2525-8036.2021.33232. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revise/article/view/e33232>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- SOUZA, A. I. *Paulo Freire Vida e Obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- SOUZA, J. *A Elite do Atraso: da escravidão à Lava-Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- UNGER, Roberto Mangabeira. *O que a Esquerda deve propor*. Trad. Antonio Risério Leite Filho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Como citar este artigo: SILVA, Gabriel de Souza Oliveira e; SILVA, Lucas Alves. Brasil 360º: da tentativa de um Estado Social ao dismantelo neoliberal. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 1–18, 2022.

Recebido em 10.03.2022

Publicado em 21.06.2022



Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional